

&gt;&gt;&gt; CULTURA POPULAR &gt; Incentivo

# Um Quixote do Cordel

O cordelista também canta e compõe e acaba de lançar o quarto CD de sua carreira, *Rima é Som*

> **Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

Um paraibano defensor do cordel, que profere palestras sobre o tema para alunos de escolas municipais na Grande João Pessoa, com o objetivo de tentar contribuir para a formação de leitores e - se for o caso - até despertar o talento eventualmente latente a quem deseja ser escritor nesse gênero literário. Assim é o cordelista e professor Francisco Diniz, que também bebe na mesma fonte para compor canções. Uma prova é o seu novo disco - o quarto CD - com o título *Rima é Som*, cujo pré-lançamento ocorreu no início deste mês, na Escola José Pires, na cidade de Bayeux.

*Neste mês do São João,  
Com muito contentamento,  
Mostro o CD Rima é Som,  
Que se ouve no momento,  
É este Francisco Diniz,  
Te agradecerá feliz  
Se fores ao lançamento.*

É assim, em sepiilha - estilo, a propósito, muito usado pelo poeta do Absurdo, Zé Limeira - que o artista popular tem divulgado *Rima é Som* pelas emissoras de rádio e na internet. Produção independente, o novo disco contém 13 composições de xote, baião, maracatu e ritmos regionais, além da música "Vamos Tomar Café", gravada com arranjo de canção espanhola, onde se ouve castanholas e instrumentos de sopro.

No disco novo, Francisco Diniz - que toca violão e pandeiro - tem parcerias com Valentim Quaresma, Fabiano Gonçalves e Antoin das Bestas. Na zabumba, Lauro Brasileiro. Já os vocais são do coral feminino Flores Belas, da ONG Pro Dia Nascer Feliz, de Santa Rita, sob regência de Sadraque Barreto, além de arranjos, produção e instrumentação de Aurélio Beltrão. O CD *Rima é Som* pode ser adquirido - ao preço de R\$ 10 - na Livraria O Sebo Cultural, localizada na Av. Tabajaras, 848, Centro, em João Pessoa, onde o lançamento deve acontecer no próximo mês de julho. O disco também pode ser adquirido durante as apresentações do artista.

Além dos meios de comunicação, Francisco Diniz - que nasceu em Santa Helena, Município localizado no Sertão da Paraíba - ainda se vale das visitas nas escolas para divulgar o CD. Até porque a música "Rima é Som", segundo ele, é utilizada como ferramenta didática para ensinar os elementos do cordel (a exemplo da própria rima, a métrica e os tipos de estrofes) aos estudantes, nos colégios onde profere palestras e realiza oficinas sobre a poesia popular. E, aliás, como deverá proceder na visita agendada para a Escola Líder, na Capital.

A faixa título do novo disco, inclusive, de acordo com Diniz, é uma reflexão sobre a percepção do artista de que a rima usada pelos repentistas - e parte dos cordelistas - é aquela que dá importância ao som das palavras pronunciadas pela grande maioria da população. "Considerando esta análise, é possível rimar cá com cordel; cáis com paz; pós com depois, dentre outros tantos exemplos. Muitos escritores de cordel, dentre eles José Costa Leite, preferem publicar seus folhetos mantendo a rima das palavras, conforme elas são escritas: cordel, papel, carretel; paz, faz, capataz; depois, bois, dois etc", disse ele.

A partir deste mês, Francisco Diniz deverá realizar apresentações em 50 escolas municipais de Santa Rita, acompanhado de Sadraque Barreto (sanfona) e André Henrique da Silva (zabumba), através do Projeto Cordel, que ele desenvolve em Santa Rita.

O poeta e professor Francisco Diniz promove eventos para divulgar a literatura popular nas escolas públicas



O cordel é uma das mais importantes manifestações culturais populares do Nordeste do Brasil



Francisco Diniz (com a viola) durante apresentação com idosos em escola pública da Grande João Pessoa

## CONQUISTANDO ESPAÇO

Francisco Diniz disse que a literatura de cordel tem ganhado espaço na mídia, atualmente, sendo inclusive tema de uma novela global, que está indo ao ar no momento. "Modéstia à parte, eu tenho contribuído para isso com o site [www.projetcordel.com.br](http://www.projetcordel.com.br) que, em janeiro de 2011, completou 10 anos no ar e conta com quase 300 mil visitantes e cujo objetivo é divulgar a literatura de cordel nas escolas, tanto da zona urbana quanto da zona rural", admitiu ele, que já escreveu mais de 70 folhetos.

Francisco Diniz desenvolve o Projeto Cordel - em cujo site estão disponibilizados mais de 100 folhetos de autores diversos, além de agenda de shows e outros materiais, como vídeos - nas escolas de Santa Rita desde 2000. Cinco anos depois, em Bayeux, ele percorreu 28 escolas da rede municipal lendo folhetos e produzindo textos com os estudantes.

Em 2007, através do Fundo Municipal de Cultura (FMC), Diniz se apresentou em 48 colégios municipais de João Pessoa, onde recitou e cantou a sua música regional. Nessas ocasiões, ainda ensinou como elaborar estrofes e distribuiu 500 exemplares de cordel em cada uma das unidades escolares.

No ano de 2007, ainda, assim como em 2008 e 2009, Francisco Diniz coordenou - a convite de Emilson Ribeiro, então diretor de Cultura Popular da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope) - a Tenda do Cordel durante o São João e a Festa das Neves da Capital, quando espaços eram abertos para apresentações de cordelistas, embotadores, repentistas e declamadores de várias partes do Estado e de outras regiões do Nordeste.

## # Hildeberto Barbosa Filho

### Alcides Buss e sua pequena enciclopédia de espantos

Sabemos tantas coisas e tantas coisas não sabemos. É dessa constatação, aparentemente óbvia, que o poeta Alcides Buss, numa espécie de investigação de cariz sócrático, tece os fios de um surpreendente macrotexto, em *Saber Não Saber* (Florianópolis, Caminho de Dentro Edições, 2009).

Macrotexto, sim, porque cada poema, num total de 65, pode ser lido isoladamente dentro de sua autonomia sintática e semântica, embora constitua parte essencial de um todo homogêneo, também dotado de soberania significativa, estrutural e estética.

Cosa da arte poética: um poema só que são muitos, pesar de moldados em fatura única, cerrada, coesa e coerente para com o apelo imprescindível da ideia, do ritmo e da imagem. Salvo engano, tenho aqui os constituintes básicos do macrotexto, conceito criado por Maria Corti, citada muitas vezes por Vitor Manuel de Aguiar e Silva, em sua sempre útil *Teoria da Literatura*.

"Sabemos um pouco / de tudo. Por exemplo, / que a terra baila / no espaço. Não sabemos, / porém, da inspiração / que permeia os pássaros" (p.13). Eis o ponto

de partida de uma viagem ao mesmo tempo lírica e reflexiva, tocada, quase sempre e / de maneira de um modelo interno, pelo contraste entre o concreto e o abstrato, o físico e o metafísico, o previsível e o imponderável, enfim, entre o real e a fantasia, o dado e a possibilidade. Observe-se, por exemplo, o poema XIII (p. 37): "Sabemos rasgar / a pétala rósea, / turvar a ternura, / desdizer o amor. / Não sabemos, porém, / livrar-nos / da tangência de Deus / em nossos ossos".

Vejo que nos versos do poeta da Ilha de Santa Catarina, a sabedoria é

pensada mais no plano da ausência e do impressentido, na convicção de que todo saber é limitado, pois infinita mesma é a ignorância, para me valer de uma frase de Clarice Lispector. Nosso saber não se sustenta no que não sabemos. Se a lógica racional tão cara ao discurso científico assim não se impõe, a translógica poética, com sua insólita gramática de surpresas e sortilégios, se firma precisamente (se é que existe ideia de precisão no território da poesia!) nesse estranho postulado. Por isto, nos ensina (há alguma

pedagogia na dicção poética?) Alcides Buss, em seus movimentos líricos: "(...) que ferrugens já assaltam / os tímpanos / de nossa estreita / servidão" (p. 59); que "Não sabemos, porém, / de onde vem essa neblina / que turva o silêncio / das palavras dormindo" (p. 61); que "Só não sabemos / que laços são estes / que nos unem à música / das nuvens e do barro" (p. 65) e que "Não sabemos, porém, / que húmus é este / - em nossos pés e mãos - / que faz crescer de verdade / essas raízes / do absurdo" (p. 77).

Octavio Paz inicia o *Arco e a Lira*, dizendo que a "poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono". Ora, tais palavras, na sua generalidade

contemplativa, refletem bem a singularidade da poesia de Alcides Buss, em especial no livro em tela. Fôsemos interpretá-lo, diria que aqui se organiza, dentro do espírito de síntese da mais genuína poesia, um pequeno tratado cognitivo acerca do invisível, espécie de pequena enciclopédia de espantos, glossário do intangível e do imponderável que nos remetem para a secreta respiração das coisas e suas luzes ocultas que nunca se apagam. Isto salva o leitor dos automatismos perceptivos da rotina, revela os poderes da palavra poética e faz com que ele (o leitor) se abandone ao labirinto da poesia, seduzido, referindo ainda Octavio Paz, pelo seu tempo e ritmo perpetuamente criador.